



Fevereiro 2021



CANTON, Katia. *Corpo, Identidade e Erotismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

existe [aí] um paradoxo interessante, porque dizemos sempre “meu corpo”, como se existisse um eu em algum lugar externo ao corpo que é dono desse corpo, porque não existe nenhum eu em nenhum outro lugar que não seja o próprio corpo. Quer dizer o eu é o corpo. (p. 110).

Essa é, de fato, uma das grandes percepções que permeiam a obra dos artistas contemporâneos, que se mostram atentos às tensões situadas em um corpo cada vez mais idealizado pela sociedade de consumo, confuso em meio a tantas imagens cujos modelos são espetacularizados, inseguros na projeção de uma dimensão do corpo que é sempre aquela que supervaloriza a forma e o prazer.

O “corpo artista”, expressão cunhada pela pesquisadora Christine Greiner, é justamente o corpo que vibra na contramão desse panorama de idealização. Sua potência está na forma como ele ajudaria a humanidade a se alimentar de conhecimentos com base na desestabilização de antigas certezas.

assim como a atividade sexual e a experiência da morte [próxima ou anunciada], a atividade estética representa no processo evolutivo uma ignição para a vida. Uma espécie de atualização de um estado corporal sempre latente e fundamentalmente necessário para a nossa sobrevivência. Isso significa que todo o corpo muda de estado cada vez que percebe o mundo. Mas, dessa experiência, necessariamente arrebatadora, nascem deslocamentos de pensamentos que serão, por sua vez, operadores de outras experiências sucessivas, prontas a desestabilizar outros contextos (corpos e ambientes) mapeados instantaneamente de modo que o risco se tornará inevitavelmente presente. (p. 138).

Para Maria Rita Kehl,

O critério de inclusão é o consumo ou a identificação com imagens de consumo... Nas sociedades do espetáculo, só valem os sentimentos que prestam às imagens adequadas ao discurso midiático. Os “sentimentos desprovidos de mídia” não têm reconhecimento, não têm expressão. Os sofrimentos normais da

vida, os lutos, as perdas, as fases de timidez, de desânimo, os momentos de recolhimento necessários à reflexão e à contemplação não encontram lugar, não são respeitados – ou então se tornam imediatamente alvo da medicina psiquiátrica (p. 116).

Isso corresponde ao que o psiquiatra e filósofo Joel Birman chama, em *Mal-estar na atualidade*, de “a medicamentação da sociedade contemporânea”, que recorre cada vez mais a remédios como antidepressivo para evitar o contato com dimensões da vida não aceitas na contemporaneidade — aquelas de dor, de tristeza, ou com sentimentos de fracasso. (CANTON, 2019, p. 29).